

Sofrer

(São Rosário)

Não há mais sonho pra se sonhar.
Não vejo a luz dos teus olhos,
Nem o branco ávido dos teus dentes, teu sorriso.
É tudo solidão.
Para mim, chove. Mas é verão.
Vejo teu corpo pequeno sumindo pouco a pouco
Vejo teus lábios pequenos e audaciosos dizendo-me: não!
Não mais som. Não ouço mais tua voz.
Esse silêncio faz o universo ficar triste.
Tento não acreditar nesta ordem que diz: desiste!
Não há mais paz.
Não ouço mais a tua voz.
Não sinto mais teu Rumba.
É tudo tão inóspito. É tanta dor!
Queria chamar-te de meu amor.
Não há mais sonho pra se sonhar.
Agora o que tenho é tua imagem triste.
Não mais teu sorriso;
Não há mais o toque dos teus lábios.
Nem a entrega de corpos,
Nem o suor ligando nossa pele.
Não há mais nada.
Há somente a angústia de não ter sabido
Fazer-te feliz, Nêga.

Você

(São Rosário)

Imaginei um horizonte sem ermo
Quando a vi tão sem se notar
A tua história tornou-me enfermo
Fugiu o breve encanto do meu olhar.

Negaste a vida por já viveres
Mas quem é mesmo o imigrante
Que achou mesmo ter poderes
Sobre amor vivo, porém distante?

Esta força de dominou-me a alma
Sem avisar-me o risco do desalento
Forçou-me agora evitar o trauma
De não tê-la sequer por um momento.

Gostei da paz que me destes
Embora o ermo tenha chegado
Mas há quem ama, há quem deteste.
Só que não há paz onde há pecado.

Lembras de como brilharam os olhos
Deste que agora por ti se faz?
E não lembras, deixas que teus olhos
Falem-te mais do citado audaz.

As minhas estrelas, meu mar, a lua
Não são os mesmos, você pode crer
Estão enciumados com a beleza tua
Por não conseguirem imitar você.

Se eu morresse amanhã

(São Rosário)

Se eu morresse amanhã
Que importância isso teria?
Seria uma perda vã,
Ou o Dólar dispararia?

Com quem haveria de deixar
Minha vira-lata parida,
Meu único ente no pesar
E em todas as horas da lida?

Que haveria de chorar
Por uma mera criatura
Que tem um pé de cajá,
Uma cachorra e uma mula?

Certamente eu seria banquete da terra,
Pois a terra é minha vilã.
Não causaria uma guerra
Se eu morresse amanhã.

Desencanto*

(São Rosário)

Eu preparo um conhaque
Esperando o destaque que isto possa trazer
Eu me jogo em teus braços
Depois me disfarço:
Sonhei com você

Tão real teu sorriso que eu teus lábios deslizo
Eu te quero assim
Quando finda o encanto o teu acalanto
Não era pra mim.

E entre o sonho e a bebida
Vou abrindo a ferida que você me deixou
Se em teu corpo não toco ao menos não provoço
O ser que não sou

Eu preparo um conhaque...
Eu me jogo em teus braços...

Retrato falado*

Dói

(Sã Rosário)

(Sã Rosário)

Somos nós que fazemos favor.
Somos nós que sentimos amor.

É você quem diz que me ama
Somos nós que caímos
Que caímos na lama.

Somo nos que dizemos “pois não”.
Somos nós que temos pé no chão.

É você quem diz que me ama
Somos nós que caímos
Que caímos na lama.

São eles que entregam as cartas.
São eles que têm mesa farta.

É você quem diz que me ama
Somos nós que caímos
Que caímos da cama.

Somos nós que dizemos “pois bem”.
Somos nós que dizemos “amém!”.

Somos nós
São eles
Somos nós.

*Como nunca vi seus olhos claros
Nem tampouco te toquei a face nua
Busco vê-la em sonhos raros
Ainda que não te possua.
Donde estás, oh minha “la belle”!
Que não ouves meu lamento?
Não posso sentir tua pele
Neste triste e real momento
Quem ver teu rosto agora
Não sabe o quanto é feliz.
Com a solidão que me devora
Pergunto ao céu: o que fiz?*

Intimamente

(São Rosário)

Nenhum sussurro
Nenhum movimento
Tudo é mórbido.
Teus olhos parados a fitar o horizonte longínquo denunciam tua
ausência e somam-se à paisagem.
De repente, um grito no teu silêncio te desperta e a traz para o agora.
Como que estivesses dormindo, tu te deixas perceber o espanto.
A dor já não é só tua.
O que fazer? Todo o cenário conhece o teu sofrer, a tua queixa.
Não basta mais a tua tristeza.
O momento chora. O sol se pôs.
A passarada entristecida se recolhe para velar o teu sono, que não
vem.
Vem a lua e com ela a certeza de que toda a angústia dos teus olhos
comovem.
Neste instante, eu chorei por você, minha irmã Leila.

Crepúsculo

(São Rosário)

O que me foi negado por estes olhos mansos?
Não terei jamais que encontrar orquídea negra
Neste deserto seco e sombrio que tua indiferença criou.
Serei um beduíno à minha maneira: amando-te de longe.
Levando tua imagem viva e alheia à cena.
Há uma história que precisa ser continuada
E essa história não espera que me repares. Devo seguir.
Vou vagar neste ermo até quando
Teus lábios desenharem-se frente a mim
E eu, em meio a murmúrios, espelhar na tua pele suada
Meu desejo sagaz de perpetuar o instante
Ainda que tudo não passe de uma breve miragem.
Olho novamente tua tez, mas não posso mais tentar,
Pois o tempo ordena que eu prossiga.
Parece que ele sabe como estou sofrendo a dor
De te perder sem nunca tê-la possuído.
Vou buscar outros horizontes
Onde finda meu deserto.

Soneto de Sanidade

(São Rosário)

Não sei se por medo, oh coração nefasto!
Repudio tuas volúpias deste ermo insano.
Pois a cada riso, de ti me afasto.
Para que nenhuma lágrima me venha a engano.

Ainda que todo ouro do reino me ofereças
Não hei de encantar-me com tuas sereias
Pois no martírio, a ti nada valeriam as queixas
Que me fariam refém de vontades alheias.

Para fazer de mim tua presa malograda
Muito haveis de tentar inutilmente
Pois quem como eu sabe o que sente

Não perde a vida em tal empreitada.
Prefere a solidão tão indolente
À morte certa de uma entrega amada.

Desatino

(São Rosário)

Minha vida foi-se e deixou-me
Numa tarde fria e sombria de inverno.
Cá estou neste corpo como abutre em carniça.
Tirarei proveito do que não vale nada.
O prazer não nega-me as intenções.
No final, não restará a quimera da vida mundana.
Sou do mundo. Este mundo que como carcereiro escraviza-me:
Dá-me o que quero, e cobra o que não posso pagar.
Minha paz, onde te escondes?
Estou sedento por teu abraço.
Vem e tira-me deste calvário!

Longe

(São Rosário)

Quando a vi passando na avenida
Toda ausente, porém magistral.
Pensei na vida, passada e remida
Num breve sonho de natal.

Você passou, como quase tudo,
Deixando-me o desejo de sempre vê-la.
A distância tua já faz-me mudo
Mas a angústia silenciosa pôde ser bela.

Mas como fazer com que a beleza habite
Onde a dor age sem piedade?
Seria como fazer com que o sofre nade

Ao encontro de quem já está triste
Apenas para ver se ainda existe
Um tino de prazer nesta vontade.

Derivado Bem-Querer

(São Rosário)

Eu tentei não me importar com tuas mãos em meu corpo
Mas depois disso, senti-me sem forças de dizer-te não. Absurdo!
Surdo-mudo eu te falei de nada. Você entendeu quase tudo,
Exceto quando falei que te amo num dialeto curdo. O que?!
Queria vê-la. Não foi possível. Contentei-me em tê-la.
Tela de Van Gogh ofuscada por teus olhos sem miopia.
Piada sem graça às vezes vale mais que o bom proveito do silêncio
Inocentemente. Se não mentisse, como ser inóspito?
No teu riso, no teu eco, no teu canto um grito (ou vice-versa?)
De alento pela existência de paz de espírito.
Espero pacientemente que o paradoxo torne-se lei de formação,
Embora eu saiba que isto não resolva a visão bizarra de quem não
ama.

Digo-me

(Sã Rosário)

Serão menos de sete minutos para eu tê-la em meus braços... Mas serão mais de sete séculos para meu desejo de acariciar todo o teu ser se decompor. Lindo é gostar da ausência, graças, é claro, à certeza do regresso.

Não faz o mínimo sentido ficar sentado lamentando o que não se viveu. O agora pode ser qualquer coisa, inclusive o que nunca existiu. Pode parecer óbvio, mas às vezes nos deparamos com nosso íntimo lamentando não ter feito tudo que nos parece essencial para sermos felizes... Este abismo não deixa sobreviventes.

Teu batom suave e alucinógeno (engraçado, não queria dizer suave.) impregnou-me o ser. Neste instante tenho vontade de ver teus lábios colarem-se aos meus com o insaciável desejo de coito. Calo-me agora porque não acho que preciso dizer que a quero muito mais que as ondas do mar à areia da praia... este vai-e-vem diz tudo o que o mar quer que eu te diga.

Eu acredito do amanhã plantado hoje. Não quero crer no acaso. Os universos paralelos nunca se cruzam, por isso faz-se necessário crer que posso construir meu caminho na véspera.

E mais um coletivo passa. Mais um copo cheio e não a vejo voltar. Parece que é hora de ver quem passou pela vida e quem deixou a vida passar. Acho que não dá para apostar que a gasolina baixou de preço (numa apologia ao que é Vital)... Meu Deus, quanta solidão!

Você passou pela minha vida. Pela minha vida, e daí? Das seqüelas cuido eu (ou quem eu permitir). Meu Deus, quanta solidão! Quanta vontade de estar perto de alguém! Quanta vontade de estar perto de quem? O que sei é que estou só, muito só.

Isto dói. Não combina com meu personagem. Quero outro papel nesta peça.

Uma frase me vem. Um pensamento se esvai e o vazio de está vazio não finda.

Busco uma canção as Djavan não me deixa em paz... Queria ter o sossego dos braços e acalantos de minha mãe. Assim eu voltaria a sentir a emoção de ser amado gratuitamente. Quem pagaria pelo meu amor?

Um outro coletivo. Já não espero chegar cedo. O malte interfere de maneira decisiva na minha vontade de regresso. De uma forma ou de outra, vou desempilhando minha mais íntimas vontades.

Quis a felicidade e aonde cheguei? Nem sei mais o que seria a minha vontade de ser feliz. Já incomoda-me o termômetro. Já

incomoda-me a vontade ouvir cordas. Devo partir agora e calar meus desabafos. Não é todo dia que encontro fonemas para me traírem as entranhas, os segredos e minhas hipocrisias. Fico aqui. Estou saciado.